

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA: CISMA CONTROLADO

Rodrigo do Prado Bittencourt²⁷⁰

RESUMO

Este artigo busca analisar o papel da Renovação Carismática Católica (RCC) dentro da dinâmica do mercado religioso atual. Atendendo à necessidade de atrair novos fiéis e conservar os antigos, diante da acirrada disputa no campo religioso das últimas décadas do século XX, este grupo reproduz grande parte das práticas do Neopentecostalismo Evangélico. Apesar de suas características de independência e autonomia, entretanto, a RCC apresenta forte submissão à hierarquia eclesial, representando um importante instrumento de controle religioso e social por parte da hierarquia eclesiástica e permitindo a vivência de uma experiência de cisma que não se concretiza completamente. impactar positivamente na saúde dos fiéis, inclusive em tempos de pandemia.

PALAVRAS-CHAVES: Renovação Carismática Católica; Mercado Religioso; Controle Social; Profecia; Bourdieu.

ABSTRACT: This article seeks analyse the role of the Catholic Charismatic Renewal within the dynamic of the current religious market. In view of the need to attract new believers and to preserve the old ones, in the face of the fierce competition in the religious field since the last decades of the twentieth century, this group reproduces much of the practices of Evangelical Neopentecostalism. In spite of its characteristics of independence and autonomy, the Catholic Charismatic Renewal presents a strong submission to the ecclesial hierarchy, representing an important instrument of religious and social control by the

²⁷⁰ Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino (Universidade de Coimbra, 2017, mestrado em Teoria e História Literária (UNICAMP, 2013). e-mail: rodrigopbittencourt@gmail.com

ecclesiastical hierarchy and allowing an experience of a schism that does not materialize completely.

Keywords: Catholic Charismatic Renovation; Religious Market; Social Control; Prophecy; Bourdieu.

Movimentos e comunidades eclesiais de base são novidades dos últimos 50 anos que têm mudado a cara da Igreja Católica. Têm dado mais força aos leigos e servido de contra-ataque ao avanço das denominações protestantes pentecostais e neo-pentecostais na América Latina e do ateísmo e do esoterismo na Europa e América do Norte. É desta maneira que o catolicismo tem enfrentado a situação atual, de quebra de sua hegemonia na América Latina e de concorrência acirrada por fiéis

En el plano cultural, los significantes religiosos (las palabras, los gestos, los símbolos) ya no se adhieren a significaciones estables y ya no se inscriben forzosamente en sistemas coherentes. Asistimos a una fluctuación de las creencias, y a la crisis de los credos responde un florecimiento del “yo creo”. Los significantes religiosos están disponibles para ser empleados de diversa manera. Se trata de un divorcio entre las representaciones y las organizaciones religiosas²⁷¹.

Mesmo assim, o padre ainda é figura central da Igreja na realidade das dioceses e paróquias (ou seja, em nível local). É ele a figura clerical responsável por uma determinada “jurisdição”: a paróquia. Embora as mudanças trazidas pelos movimentos e pelo Concílio Vaticano II sejam de uma força inegável, o comando e administração da Igreja continuam centrados no binômio padre-paróquia, como há centenas de anos atrás. A devoção popular e pitoresca aos santos (beijar imagens; deixar papéis com pedidos escritos, nos altares, etc.) também continua, igual há centenas de anos. Essas forças de renovação e de

²⁷¹ WILLAIME, Jean-Paul. Dinámica religiosa y modernidade. In: GIMÉNEZ, Gilberto (coord.), *Identidades sociales y religiosas en México*. México: Instituto Francés de América Latina / Instituto de Investigaciones Sociales / UNAM, 1996, p. 47-65, p. 53.

tradicionalismo convivendo diariamente com certeza são fonte de inúmeros conflitos e de tentativas de acomodação. São também responsáveis por inúmeras clivagens que separam e fragmentam a instituição maior a que pertencem (Igreja Católica).

Bourdieu²⁷² chama a atenção para o fato de que existe uma diversidade de vivências religiosas dentro da mesma religião: isso varia em função da classe social, do grau de instrução, do tradicionalismo de alguns grupos e regiões... Mesmo dentro da Igreja Católica aparentemente única e unívoca da Idade Média existiam várias ordens e congregações. As heresias ou eram exterminadas ou assimiladas por meio de novas ordens e congregações. O fato de tratar-se de uma mensagem única para pessoas de vida diferentes – e não de mensagens específicas para cada classe, gênero e idade – gera uma aparente unidade na diversidade e esconde a diversidade das maneiras de viver a mesma fé²⁷³.

Com efeito, a Igreja Católica tem se mostrado fragmentada, há séculos. Diversas ordens religiosas e congregações a formam; cada uma com uma linha de atuação específica e uma espiritualidade própria. Ou seja, cada uma tem seu modo próprio de cultuar a Deus e de lidar com a fé. Também os leigos viveram esta fragmentação, na forma das ordens terceiras e irmandades, muito comuns no século XVIII, mas ainda hoje operantes (ainda que em menor número e proporcionalmente menos fiéis). Estes grupos de leigos realizavam festas próprias, cultuando seus santos padroeiros específicos, e com o dinheiro angariado construía ou reformavam igrejas. As cidades históricas de Minas Gerais e da Bahia (sobretudo, mas não só) ainda guardam muitos traços desta vivência; sobretudo no formato de igrejas próprias.

²⁷² BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: Bourdieu, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. Tradução: Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. 6ª edição; 2ª reimpressão. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 27-78.

²⁷³ BOURDIEU, 2009, p. 54.

Tal divisão, grosso modo, correspondia às divisões de classe no interior da sociedade local. Assim, os escravos chegaram constituir irmandades próprias, realizando suas festas e construindo igrejas. Há relatos, ainda hoje vivos na memória da população local, que dão conta de que este era o único meio de os escravos participarem da missa, uma vez que eram proibidos de frequentar as igrejas a que iam os brancos. Em Atibaia (SP), há, por exemplo, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, um templo católico romano que foi erguido com trabalho e contribuições financeiras de afrodescendentes e que só podia ser frequentada por eles. Hoje, o templo é conhecido apenas como Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Além disso, o fenômeno da fragmentação permitia a vivência de modos distintos de celebração; podendo variar a música, os adereços do celebrante ou do altar, a duração da celebração e outros detalhes de suma importância para os frequentadores. No caso da população afrodescendente, isso podia significar também a possibilidade de viver o sincretismo religioso: cultuando os deuses próprios das religiões de matriz africana, integrados à religiosidade oficial. Por fim, estas irmandades e ordens terceiras poderiam representar um forte movimento de resistência cultural e étnica, defendendo seus membros do racismo e (re)afirmando sua identidade; por isso, as irmandades compostas por escravos ou ex-escravos geralmente adotavam por padroeiros os santos de pele preta: Nossa Senhora Aparecida e São Benedito.

Assim, a fragmentação no seio do catolicismo, representou um meio de preservar a unidade de uma mesma religião, mesmo diante da enorme diversidade de nível intelectual e de classe e, em alguns locais, como o Brasil, ela permitia uma maior integração diante também da diversidade étnica, cultural e histórica. Com o passar do tempo, entretanto, e a formação daquilo que Peter Berger

chamou de “mercado religioso”²⁷⁴, esta diversidade e fragmentação passou a ter uma função especial na competição entre as diferentes denominações religiosas pelos fiéis. A diversidade de experiência religiosas no interior da mesma igreja permitiu a atender às demandas específicas de diversos grupos, permitindo uma maior penetração social, embora a situação atual não possa deixar de ser vista como uma crise ou pelo menos como um momento de transição.

Essa situação representa uma severa ruptura com a função tradicional da religião, que era precisamente estabelecer um conjunto integrado de definições de realidade que pudesse servir como um universo de significado comum aos membros de uma sociedade. Restringe-se assim o poder que a religião tinha de construir o mundo ao da construção de mundos parciais, universos fragmentários, cuja estrutura de plausibilidade, em alguns casos, pode não ir além do núcleo familiar²⁷⁵.

Assim, as demandas dos fiéis são consideradas pelo clero e respondidas sempre que possível. A própria localização das imagens de santos dentro dos templos e o nome das paróquias são determinados de acordo com a popularidade dos santos, de acordo com a demanda que é feita por eles por parte da população. Benedetti²⁷⁶ analisa os discursos de um padre de uma paróquia da classe alta e de um outro de uma paróquia de classe média baixa: os discursos atendem, segundo o autor, as necessidades específicas de cada uma das duas “clientelas”.

A Igreja, entretanto, não se limita a atender às demandas de seus fiéis; ela busca influenciar essa demanda para que os leigos passem a buscar o que o clero quer que eles busquem. Assim, a Igreja busca fortalecer e incentivar a demanda dos fiéis por “serviços” espirituais ligados à família. Os movimentos, dentre eles a Renovação Carismática Católica, são especialmente atentos às questões

²⁷⁴ BERGER, Peter. O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁷⁵ BERGER, Peter. O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁷⁶ BENEDETTI, Luiz Roberto. Templo, Praça, Coração: A articulação do campo religioso católico. Tese (Doutorado em Sociologia), São Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1988, 545p.

familiares, como mostra o autor. Seus discursos passam pela questão familiar de forma explícita e insistente. Há até divisões entre os “serviços oferecidos” para contemplar melhor todos os componentes das famílias (Encontro de Casais com Cristo para os pais, Treinamento de Lideranças Cristã para os jovens e mini-Treinamento de Liderança Cristã para os adolescentes, grupos de oração para jovens, encontros para noivos e namorados, etc.).

O crescimento dos movimentos eclesiais tem sido constante e intenso. Quando um começa a decair, outro surge para ocupar seu lugar de liderança. Eles têm crescido muito mais que as comunidades eclesiais de base e têm buscado se inserir nas mais diversas atividades humanas (mídia, saúde, educação, trabalho, etc.). Isso, segundo alguns, faz parte da política do Vaticano de se fortalecer enquanto centro nervoso da Igreja uma vez que esses movimentos são mais obedientes do que as diferentes congregações religiosas e tendem a se mostrar a-políticos e espiritualistas, combatendo a excessiva politização do clero e a Teologia da Libertação. Em realidade, tem ocorrido um crescimento da politização da RCC, mas no sentido oposto ao das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação. A RCC tem conseguido eleger vereadores e deputados estaduais a partir de um discurso moralista e da filiação a partidos de direita. Assim, ela contribui para o domínio da ala conservadora da Igreja Católica (amplamente majoritária) e para o controle social sobre as classes médias e baixas. Para Bourdieu, a religião sempre traz um componente de justificação e explicação lógica que aliena e contribui para a coesão social e para o ordenamento lógico do mundo, tão conservador e necessário para a manutenção das realidades sociais tais como são. Neste ponto, Bourdieu aproxima-se mais de Durkheim que de Marx.

Os movimentos, até por serem compostos, em sua maioria, por leigos, têm sido a vanguarda da Igreja em relação à família. Essa preferência pela família

se dá por que ela, talvez, seja o único lugar onde o discurso da Igreja ainda é bem recebido. Diante da secularização e da racionalização do mundo, a família tornou-se local de refúgio para a religião e, para a Igreja, é necessário que ela continue sendo assim. Além disso, é na família que a Igreja se reproduz; seja por ela proporcionar novas vocações, seja por educar as crianças na fé católica e garantir a existência de novos fiéis. Valorizando a família, é a si mesma que a Igreja valoriza. Protegendo-a, protege seus interesses.

A submissão à Igreja é marca de um de seus movimentos de maior destaque: a Renovação Carismática Católica (RCC). Ela surgiu nos Estados Unidos em 1967, em uma universidade (ambiente elitista, ao contrário do pentecostalismo protestante) e foi trazida ao Brasil por dois padres jesuítas norte-americanos: Haroldo Rahm e Eduardo Dogherty. Logo alcançou um sucesso estrondoso, reunindo grande número de fiéis em seus encontros (80.000 pessoas no encontro anual de 1986 e 150.000 pessoas em 1987) e multiplicando suas reuniões (grupos de oração) por vários lugares. Em seu site internacional, este movimento afirma:

The Catholic Charismatic Renewal is currently present in more than 200 countries and has touched the lives of over 120,000,000 Catholics. In some countries the number of participants seems to have diminished in recent years, while in other places the number continue to rise at an amazing rate²⁷⁷.

O “grupo de oração”, celebração de leigos que é a base da RCC, se caracteriza por sua “abertura ao Espírito Santo” e aparente falta de uma programação fixa, fazendo com que tudo pareça acontecer de forma espontânea e emocionalista. A emoção faz parte deste movimento, que interpreta a realidade de forma subjetiva e experiencial, tendo na experiência subjetiva do real sua forma de dar sentidos às coisas, sua forma de absorver e organizar a realidade vivida e

²⁷⁷ INTERNATIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL. The Growth of the CCR. Disponível em: <http://www.iccrs.org/en/the-ccr/#The_Growth_of_the_CCR>. Acesso em: 14 set. 2017.

percebida. No entanto, a falta de roteiro é apenas aparente: este tipo de celebração pode variar muito de diocese para diocese e mesmo entre paróquias de uma mesma diocese, mas a verdade é que sempre segue um roteiro. Não há espontaneidade, mas todas as práticas são sancionadas por uma convenção muito rígida, que pode até seguir algum modelo escrito (registrado em alguma obra para os líderes). Diz Prandi:

Valorizando as experiências extáticas, os encontros carismáticos católicos procuram seguir uma estrutura ritual razoavelmente padronizada capaz de controlá-las. O uso constante de orações e cânticos não se dá de maneira aleatória e desordenada. Em geral, é obedecida uma sequência litúrgica controlada pelos líderes, que dela se valem para administrar o desenrolar das cerimônias²⁷⁸.

Assim, os novatos não podem participar da orientação das orações, pois não lhes é dado voz. Os que tentam, ainda assim, são praticamente ignorados, pois suas opiniões e desejos são encarados como bem menos relevantes que os dos líderes (que também são leigos, mas mais experientes e “ungidos” e/ou “batizados no Espírito Santo”). Assim, para conseguir se fazer ouvir no momento da oração coletiva, um novato deve buscar a proteção de um dos líderes, para que este encampe seu pedido e assim o grupo passe a rezar do modo que ele pediu ou pela intenção requisitada. Isso concentra muito poder nas mãos dos líderes, que podem chegar mesmo a serem mais respeitados que padres e bispos. Estes líderes são responsáveis por organizar o grupo de oração, fazendo pregações, orações e música. Reúnem-se em assembleias restritas aos membros da liderança, que acontecem em horário diferente das reuniões abertas a todos (os grupos de oração). Em muitos locais a equipe de líderes é chamada de “equipe de serviço”,

²⁷⁸ PRANDI, Reginaldo. Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1997, p. 62.

embora a autoridade deles sobre os frequentadores comuns esteja muito distante do gesto de servir.

Há uma relação dúbia entre os carismáticos (participantes da RCC, sejam líderes de grupo de oração ou simplesmente frequentadores) e o clero. Geralmente, há uma animosidade mais ou menos disfarçada. A disputa por poder no seio da mesma instituição é forte demais para que a convivência seja harmoniosa e não é só isso: com o crescimento da RCC, ela conseguiu construir seus próprios espaços de celebração (casas de retiro, casas de oração, casas de formação, sedes, centros de formação, etc.) e disputam ao clero o dinheiro dos fiéis. Isso sem falar nos produtos que a RCC vende e nas festas e eventos que promove – e que também entram na disputa por recursos econômicos. O conflito com o clero aparece geralmente sob a forma de argumentos teológicos, evidentemente: os sacerdotes tendem a acusar a RCC de falta de conhecimento bíblico, litúrgico e teológico; enquanto a RCC costuma criticar o clero por ter se deixado consumir pela tradição e pela burocracia, perdendo a espiritualidade original, da Igreja Primitiva, e deixando de se abrir aos dons do Espírito Santo. Trata-se, como se pode ver, do clássico conflito entre profetas e sacerdotes, já estudado por Weber²⁷⁹. Os termos “profeta” e “profecia” são muito usados pelos membros da RCC e muitos se veem, de fato, como tendo um importante papel na transformação de sua Igreja, ansiando pelo dia em que toda ela será carismática; mesmo os padres, bispos e o papa. Interessante é notar que a referida animosidade diante de bispos e padres some diante da figura do papa; este é comumente reverenciado como um santo e sempre visto como homem de profunda espiritualidade. Assim, o carismático projeta os problemas que percebe em sua Igreja nos membros menos poderosos dela; identificando o líder mais poderoso (e conseqüentemente com mais força para tudo mudar), como um santo que, embora desejoso de transformar a Igreja, é impedido de fazê-lo pelo apego

²⁷⁹ WEBER, Max. Economia e sociedade. Vol. 1. Brasília: Editora UnB, 2000.

ao poder e ao dinheiro dos seus subordinados ou, na melhor das hipóteses, por sua simples ignorância dos dons do Espírito Santo e da vivência carismática. Assim, o embate, ainda que disfarçado, continua: o clero retira seu poder da sacralidade da igreja, de sua antiguidade e tradição; os profetas de seu carisma, sua capacidade pessoal de atrair fiéis, ou, como diria Bourdieu:

É pela capacidade de realizar, através de sua pessoa e de seu discurso como palavras exemplares, o encontro de um significante e de um significado que lhe era pré-existente mas somente em estado potencial e implícito, que o profeta reúne as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem sua linguagem porque nela se reconhecem²⁸⁰.

O que o sociólogo francês quer dizer com esta capacidade de unir significado e significante é que o profeta só é aceito quando mobiliza um imaginário e uma necessidade coletivas que já existiam antes dele e que estavam dispersas, sem realização efetiva. No caso da RCC, pode-se dizer que ela só pôde começar a existir porque já havia uma crise da anquilosada estrutura católica, que levou ao descontentamento de muitos fiéis e a um aumento do número de ateus ou de conversões para o Neopentecostalismo Evangélico, no caso do Brasil.

O caráter de resposta ao Neopentecostalismo Evangélico é tão evidente que a RCC pode ser vista como uma réplica católica desta corrente protestante. A semelhança é tão grande que muitos carismáticos, no Brasil, adotam uma espécie de identidade visual para suas celebrações: camisetas com estampas de Santa Maria (ou Nossa Senhora), pingentes e brincos no formato desta santa e uso do terço como colar ou enrolado em volta do pulso; tudo para ficar evidente sua filiação ao Catolicismo. Há inclusive a adoção de músicas e livros do Neopentecostalismo Evangélico, consumidos sem pejo ou escrúpulos religiosos por muitos carismáticos. Pelo estilo de vida e vivência religiosa, um carismático se

²⁸⁰ BOURDIEU, 2009, p. 75.

aproxima muito mais de um evangélico neopentecostal que de um católico voltado para fragmentos mais tradicionalistas da Igreja Católica, como a *Opus Dei* ou o Apostolado da Oração, por exemplo.

O que aconteceu foi, por um lado, a criação de uma série de mecanismos estruturais e organizacionais que dão apoio ao desenvolvimento desse estilo de ser católico - o carismático - e, por outro, a tomada de um conjunto de medidas que resultariam, na prática, em maiores dificuldades para a continuidade e desenvolvimento do projeto da Igreja Popular. Na nossa opinião, essa conjuntura favorável à identidade católico-carismática é amplamente determinada pelo fato de que a Igreja tem que enfrentar níveis cada vez mais altos de concorrência no mercado religioso, bem como uma crescente perda de fiéis justamente para os pentecostais tradicionais e para os neopentecostais²⁸¹.

Prandi²⁸² afirma que é da classe média a maior parte dos membros da Renovação Carismática; os membros da classe baixa só a procuram de modo intermitente, constituindo uma clientela à procura de curas e outros benefícios imediatos. Das contribuições dessa classe média é que o movimento tira seu sustento e mantém seus meios de evangelização midiáticos. Sem dúvida este é o movimento da Igreja Católica que mais usa dos meios de comunicação de massa para se divulgar: canais de TV, rádio, revistas, DVDs, CDs, shows, etc. O dinheiro dado para a evangelização é sacralizado, como tudo, aliás. Essa é uma outra forte característica da Renovação Carismática, ela tende a sacralizar tudo, uma vez que se baseia na experiência de Deus realizada no simples cotidiano da vida de cada um. Assim, tudo pode servir para se fazer uma “experiência do amor de Deus”.

Ainda que possua canais de TV, bens imobiliários (casas de retiro, sedes, etc.), funcionários e até mesmo deputados próprios (eleitos a partir dos votos dos membros da RCC), o movimento nega seu caráter de instituição, afirmando

²⁸¹ GUERRA, Lemuel. As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica. In: REVER. Revista de Estudos da Religião. PUC/SP, Nº 2, p. 1-23, p. 11.

²⁸² (PRANDI, 1997, p. 159-169).

enfaticamente sua origem divina na forma de “carisma” e de “dom de Deus”. Isso faz com que bens materiais e espirituais sejam vistos como presentes de Deus, indiferenciando-os de certa forma. Tudo passa a ser entendido segundo a lógica do divino e, assim, a vida toda se coloca como um relacionamento com Deus. A religião passa pelo “desconhecimento dos limites do conhecimento”²⁸³ que ela proporciona; daí vem a crença. Ela se coloca como ação necessária diante dos limites da racionalidade e do saber, fazendo-se desconhecer quaisquer limites teóricos-propositivos.

Utilizando conceitos marxistas, Benedetti (2000) faz uma comparação entre o pentecostalismo protestante e o católico, representado pela Renovação Carismática Católica. O primeiro se fundamenta em pessoas pobres, que têm sua “representação” ligada à “ação” e sua “consciência” ligada à “matéria”, são trabalhadores que lidam com a matéria. O segundo é composto por pessoas que lidam com o intelecto em seu trabalho e fazem do mundo uma “significação ‘materializada’ na consciência sob forma simbólica”, nas palavras do autor. Isso se dá por causa da divisão social do trabalho e, como bem mostra Marx em *A Ideologia Alemã*, provoca um fortalecimento do símbolo enquanto realidade que se basta a si, para a classe intelectualizada. Neste ponto, este pesquisador se aproxima também de Bourdieu e, por meio dele, de Weber.

Bourdieu (2009) segue Weber bem de perto, em sua *Sociologia da Religião*; quase que apenas transcrevendo as afirmações do autor clássico, sem refutá-lo ou complementá-lo; apenas analisando-o. Segundo ele, Weber afirma que as questões de cunho metafísico, como o sentido da vida ou a origem do mal são questões típicas das classes dominantes (os pobres não têm tempo ou possibilidade de darem-se ao luxo de perder tempo como moralidade e metafísica). Assim, elas apenas surgem tardiamente na religião, que anteriormente

²⁸³ BOURDIEU, 2009, p. 47.

existia apenas com seu caráter mágico de solução imediata para os problemas cotidianos, passando pela pureza ritual e pela submissão dos deuses e demônios à vontade humana. Quando surgem estes questionamentos metafísicos, porém, surge também a questão da injustiça social e a religião aparece como justificadora deste estado de desigualdade. Assim, todas as “teodicéias são sempre *sociodicéias*”²⁸⁴

A religião só sobrevive por tratar-se de uma realidade coletiva. Crer no absurdo é algo que só pode se sustentar quando esta fé é amparada por uma coletividade que vive a mesma crença. Todo deus é social e não há como negar isso. Também a arte só pode existir enquanto crença coletivo no belo²⁸⁵.

Podem existir milhões de concepções de beleza: o que faz com que uma sobreponha-se às demais (não sem conflitos)? Trata-se da coletividade. Neste sentido, um crítico é tão produtor da arte quanto um artista. Pode-se comparar o artista ao profeta, que inaugura novo modo de viver a religião; o sacerdote, que canoniza a profecia e a chancela, a partir de sua capacidade de falar pela ortodoxia, é o crítico; os fiéis são os consumidores da arte. Assim, todos são produtores. Não há religião sem sacerdotes e não há arte sem críticos; a ausência dos leigos e dos consumidores, por sua vez, faria destes fenômenos gerais algo muito restrito, em que os produtores são os próprios consumidores (o que acontece com certos nichos de vanguarda artística). Assim, trata-se de um fenômeno com produtores e consumidores e é a relação entre eles o que constitui e estrutura o campo:

As relações de *transação* que se estabelecem, com base em interesses diferentes, entre os especialistas e os leigos, e as relações de *concorrência* que opõem os diferentes especialistas no interior do campo religioso, constituem o princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa²⁸⁶.

²⁸⁴ BOURDIEU, 2009, p. 49.

²⁸⁵ BOURDIEU, 2009, p. 56.

²⁸⁶ BOURDIEU, 2009, p. 50.

Assim, a RCC permite uma participação dos leigos no interior do fenômeno religioso que vai além do papel de simples consumidores. Por meio deste movimento (e de outros), eles passam a ser também especialistas da experiência religiosa. Neste sentido, a RCC acaba por produzir um grande empoderamento dos leigos; o que, como já se viu, gera inclusive disputas mais ou menos acirradas, dependendo da situação, com o próprio clero, a Igreja institucionalizada. Ainda assim, este movimento não deixa de ser um mecanismo de controle, pois faz frente ao secularismo e ao crescimento de outras religiões, mantendo assim sob o controle da Igreja Católica pessoas que provavelmente a abandonariam. Além disso, o controle ocorre por produzir uma radical e profunda aceitação da fé, o que leva os fiéis a buscarem com mais assiduidade os serviços religiosos, especialmente dois deles que só podem ser fornecidos pelos sacerdotes, garantindo-lhes amplo domínio sobre a comunidade: a consagração eucarística e a confissão. Por fim, o controle se estabelece na intensa veneração do papa, que acaba sendo um dos argumentos com que o carismático justifica sua permanência na Igreja – não permitindo o rompimento e a fundação de uma nova religião. Diz Valle, que esta veneração do papa é um dos elementos que garante a filiação do carismático à Igreja Católica Romana:

Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez tenham experimentado o mesmo que os crentes [protestantes] com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média e puderam, assim, perceber que o "batismo do Espírito" não só reanimava a fé individual como liberava energias para uma poderosa ação evangelizadora. Não sem grande habilidade, os pioneiros do catolicismo revivalista souberam se diferenciar dos protestantes, não obstante a vizinhança antropológica entre eles e os protestantes. E o fizeram através do que alguém chamou de "as três brancuras": Nossa Senhora, a Eucaristia e o Papa²⁸⁷.

²⁸⁷ VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. In: Estudos Avançados, 18 (52), São Paulo, Sept./Dec. 2004. Disponível em:

Assim, tem-se uma relação estranha e complexa: os fiéis encontram-se mais empoderados e ao mesmo tempo mais submissos; mais próximos da vivência neopentecostal, mas ao mesmo tempo mais dispostos a defenderem sua Igreja das críticas que ela venha a sofrer; em animosidade com padres e bispos, mas em profunda veneração do papa; ganhando dinheiro com produtos religiosos, mas sacralizando tudo em sua vida.

Estas contradições se explicam por um fato: a RCC carrega consigo todos os elementos de um movimento profético maduro para romper com a antiga religião e fundar uma nova, mas não o faz. Assim, ela precisa criar uma estrutura paralela no seio da Igreja, com o intuito de sobreviver e poder crescer. Ao mesmo tempo não deixar de prestar obediência e manifestar sua submissão à mesma estrutura que nasceu para combater. O próprio nome traz em si o aspecto de contestação que ela, enquanto manifestação profética, não pode deixar de trazer: renovação. Se algo precisa ser renovado é porque está velho, gasto e ineficaz. Assim, a RCC nasce no interior de um desejo, mais ou menos consciente, de conquistar o poder sobre toda a Igreja e modificá-la, de modo que ela passe a existir à imagem e semelhança da própria RCC, que seria o único movimento capaz de resgatar a experiência da igreja em seu momento mais perfeito: quando ela era ainda governada pela comunidade dos apóstolos, que faziam diversos milagres e espalharam sua fé pelo mundo, logo após a ressurreição e ascensão de Cristo.

Justamente por atribuir a si própria tamanha autoridade, a RCC demonstra uma ambição muito grande e um desejo de transformação muito intenso. Ao mesmo tempo, ela acaba por tendo um papel muito pequeno (mesmo marginal) na vivência paroquial, sendo tratada pelo clero como um elemento a mais no interior da multifacetada Igreja. Elemento, aliás, assaz incômodo para a maioria dos

sacerdotes. Nisto consiste o principal mecanismo de controle da Igreja por meio da RCC: para evitar a perda de fiéis, a Igreja permite-lhes uma vivência no interior de uma “Igreja Paralela”, mas ainda submissa ao poder central e ainda reconhecida como “católica”. Assim, satisfaz-se o desejo de uma vivência completamente outra e se experiencia uma maior autonomia na realização de suas atividades específicas (os “grupos de oração” e retiros da RCC são organizados apenas por seus membros, sem interferência dos párocos), sem com isso haver ruptura. Pode-se dizer que os carismáticos “brincam” de ter uma igreja própria, sem mais consequências. Assim, evita-se o cisma e a deserção. Além disso, evita-se mexer nas estruturas de poder tradicionais, já cristalizadas na instituição.

Acostumado a viver um simulacro de Igreja própria, no seio de uma Igreja que não o reconhece e aceita plenamente, o carismático tende a tentar reproduzir as estruturas que a própria Igreja tem: assim, ele busca ter seus próprios espaços de celebração (adquirindo imóveis para casas de retiro, etc.); busca nestes locais fazer da missa tradicional algo mais palatável para seu gosto, por meio de missas carismáticas, ou missas de cura; busca, dentre os sacerdotes disponíveis em seu local, algum que mais lhe pareça aberto à RCC e o adota como diretor espiritual ou confessor; realiza suas próprias festas para angariar fundos (geralmente sem a venda de bebidas alcoólicas; diferente das festas promovidas pelas paróquias), etc.

Com esta vivência de uma Igreja Paralela, ele facilmente se acostuma a viver também num mundo paralelo, que busca copiar e reproduzir tudo (ou quase tudo) que há no mundo comum, mas de modo sacralizado. Nisto, ele se assemelha mais uma vez ao evangélico neopentecostal. Assim, tudo deve ser aproveitado, mas apenas na versão carismática e santa.

A forma como o carismático vê o mundo é a de um oceano de bênçãos, graças, misericórdia de Deus, experiências... e tentações, armadilhas e astúcias

diabólicas que visam a fazer “perder as almas”. Tudo é sagrado; ou perigosamente demoníaco: quase não há meio-termo. Ou está do lado de Deus ou do Diabo. Assim, o que não foi ainda santificado deve ser evitado e só poderá ser aproveitado quando já estiver livre de seus traços de pecado. Daí o “Barzinho de Jesus”: um barzinho como todos os outros, porém “sacralizado”, “consagrado” para a evangelização, para o Reino, para Deus. Sem bebidas alcóolicas, com músicas de cantores da RCC e com “namoro santo” (ou seja, casto). Há também a “Cristoteca”, uma discoteca de Cristo. E, assim como há o arrocha e o funk gospel, há o arrocha e o funk carismáticos. É a tendência carismática de imitar a moda e de fazer sua própria versão desta moda. Isso fica nítido nas camisetas e músicas da Canção Nova (uma comunidade carismática que tem um canal de TV e uma rádio, grava CDs e vende diversos tipos de produtos com sua marca), que entram na moda de todos os grupos de oração do país, tão logo sejam lançados. Também fica patente na fama dos cantores carismáticos, que pouco se diferenciam, em seu marketing, dos cantores seculares. A Renovação Carismática Católica, assim, cria para si um mundo particular, no qual o fiel está finalmente protegido do pecado e é estimulado a buscar a santidade.

É preciso recordar que no radicalismo carismático, o poder do demônio é muito grande e sua presença é notada em todos os locais, objetos ou práticas ainda não santificados. As forças malignas recebem uma ênfase muito maior que na Igreja Católica em sua matriz tradicional (o que também aproxima a RCC do Neopentecostalismo Evangélico). Assim, o mundo e os que não foram “batizados no Espírito Santo” (nunca participaram da RCC ou são ainda novatos) são vistos como uma permanente fonte de tentações e de pecado. Devem, se possível, ser evitados. Ainda que sejam seus próprios familiares. Afinal, Deus deve vir em primeiro lugar diante de tudo.

Há assim, uma sacralização da modernidade, o que vai contra o processo de secularização do mundo descrito por Weber²⁸⁸. Assim, o carismático retoma a sacralidade do mundo num mundo que já não é mais sacralizado; e o faz por meio da subjetividade. Já que a objetividade da vida social nega a sacralidade do mundo, ele refugia-se em seu intimismo subjetivo para aí afirmar que a realidade é sagrada e experimentar, pelos sentimentos, essa sacralidade negada pela razão e pela sociedade. Já que o convívio com os outros, a vida social, nega que tudo seja sagrado; uma vez que esse convívio se dá no mundo secular, é necessário se refugiar no interior do indivíduo ou do mundo particular dos membros da RCC para poder crer que o mundo é todo sagrado. Um estudioso do tema vai ainda mais longe: ele diz que o carismático cria o que ele próprio adora: “Ao reduzir o objetivo ao subjetivo, o real à interpretação, a crença à experiência subjetiva da crença, os pentecostais católicos adoram sua própria emoção religiosa”²⁸⁹.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Templo, Praça, Coração: A articulação do campo religioso católico*. Tese (Doutorado em Sociologia), São Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1988, 545p.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. Tradução: Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson

²⁸⁸ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

²⁸⁹ BENEDETTI, 1988, p. 283.

Campos Vieira. 6ª edição; 2ª reimpressão. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 27-78.

GUERRA, Lemuel. As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica. In: *REVER. Revista de Estudos da Religião*. PUC/SP, Nº 2, p. 1-23.

INTERNATIONAL CATHOLIC CHARISMATIC RENEWAL. The Growth of the CCR. Disponível em: <[http://www.iccrs.org/en/the-ccr/#The Growth of the CCR](http://www.iccrs.org/en/the-ccr/#The%20Growth%20of%20the%20CCR)>. Acesso em: 14 set. 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1997.

PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, Antonio Flávio. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. In: *Estudos Avançados*, 18 (52), São Paulo, Sept./Dec. 2004.

Disponívelem:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142004000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 set. 2017.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora UnB, 2000.

WILLAIME, Jean-Paul. Dinâmica religiosa y modernidade. In: GIMÉNEZ, Gilberto (coord.), *Identidades sociais y religiosas en México*. México: Instituto Francés de América Latina / Instituto de Investigaciones Sociales / UNAM, 1996.